

ESTADO ISLÂMICO E A ESPETACULARIZAÇÃO DO TERRORISMO¹

PIMENTEL, Pedro Chapaval²

Resumo: Este artigo analisa o uso de tecnologias de informação e comunicação (TICs) pelo Estado Islâmico (EI) como elementos da espetacularização do terrorismo. Parte-se do pressuposto que problemas ocasionados por um governo sem governança no Iraque e na Síria proporcionaram condições ideais para o fortalecimento do EI. Os resultados apontam para dois aspectos relativos a um novo paradigma no uso dos meios de comunicação: o primeiro é a amálgama entre a beligerância e uso das TICs para consolidar a governança do EI, o segundo se refere à existência de uma arena virtual como espaço de confrontos ideológicos e de poder entre grupos terroristas e governos.

Palavras-Chave: Comunicação Política; Governança; Terror; Sociedade do Espetáculo.

Abstract: This article analyses the use of information and communication technologies (ICT) by the Islamic State (IE) as features of the spectacularisation of the terrorism. It is assumed that problems resulting from a government without governance in Iraq and Syria provided optimum conditions for IE's strengthening. The results indicate two aspects of a new paradigm for the use of media; the first is an amalgam between belligerency and the use of ICT to consolidate IE governance, the second refers to the use of a virtual arena as a setting for ideological and power struggles between terrorist groups and nation-States.

Keywords: Political Communication; Governance; Terror; Society of the Spectacle.

Introdução

O terrorismo não é um fenômeno novo no sistema internacional, mas os ataques orquestrados por Osama Bin Laden, que destruíram as duas torres do edifício *World Trade Center* e uma das alas do Pentágono, em 2001, marcam uma nova orientação na política mundial no que tange ao tema. A “guerra ao terror”, promovida pelo Presidente George W. Bush trouxe à tona grupos terroristas que se utilizam da força física e das tecnologias

¹ Este artigo tem como base o trabalho intitulado “Estado Islâmico e a Espetacularização do Terrorismo” e apresentado no Encontro de Pesquisa em Relações Internacionais (EPRI), realizado pela Unesp-Marília entre os dias 13 e 17 de junho de 2016.

² Pedro Chapaval Pimentel é mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) na linha Comunicação, Política e Atores Coletivos. Especialista em Relações Internacionais e Diplomacia pelo Centro Universitário Curitiba. Faz parte do Grupo de Pesquisa Comunicação Eleitoral da UFPR, e-mail: pimentel@ufpr.br

da informação e da comunicação (TICs) numa tentativa de acomodação no sistema internacional.

Diferente das relações com os meios de comunicação que Osama Bin Laden e a Al-Qaeda possuíam, a força do grupo terrorista Estado Islâmico surge como resultado de um complexo processo que envolve a desgovernança no Iraque e na Síria, o desenvolvimento e uso das tecnologias de transporte e comunicação. Conflitos ideológicos e de poder transpassam a esfera digital e criam uma espécie de arena virtual, onde agentes coletivos convocam seguidores e soldados, inflamam paixões, organizam suas empreitadas e também onde governos tentam combatê-los.

A amálgama entre relações de poder, fricções entre diferentes ordens e subordens do sistema internacional e o uso de variadas mídias e redes sociais digitais faz com que o terrorismo se torne mais do que apenas um evento midiático. Surge neste contexto a espetacularização do terrorismo.

Terrorismo, Governança e Tecnologias de Informação e Comunicação

Para Hobsbawm, os hodiernos conflitos marcam um paradoxo em que “operações armadas já não estão essencialmente nas mãos dos governos ou dos seus agentes autorizados, e as partes distantes não têm [...] objetivos em comum, exceto quanto à vontade de utilizar a violência” (2007, p. 23). Neste sentido, a “guerra ao terror” declarada por Bush filho continha uma problemática conceitual no que é entendido por guerra, pois como destacam Magnoli e Barbosa (2013) o sentido clássico deste termo é um conflito entre Estados.

Não havia naquela ocasião um confronto entre Estados beligerantes, mas sim agentes coletivos numa relação bipolar de poder (SROUR, 1987). Partimos da ideia de que poder significa a capacidade estrutural de um ator social impor sua vontade sobre outros atores sociais, conforme explica Castells (2008). Logo, estas relações bipolares de poder representam relações são conflitivas por natureza.

Embora haja distintas interpretações em torno do termo terrorismo (COLOMBO, 2016; SEIXAS, 2008; CHALIAND; BLIN, 2007), partimos do pressuposto de que é um movimento composto por atores coletivos que rompe com as convenções sobre guerra, com códigos políticos e, principalmente, com limites morais impostos por estas convenções utilizando a violência como forma de fazer política (WALZER *apud*

CHAILAND; BLIN, 2007). Esta forma de fazer política não se limita apenas à violência física, mas é manifesta mediante o medo, aspecto psicológico, potencializado pelo aprimoramento das tecnologias da informação e da comunicação.

Rosenau (2000) expõe o avanço das tecnologias de transporte e comunicação como desencadeadoras do processo de redução das distâncias geográficas e sociais que fizeram com que atividades locais repercutissem em escala mundial. Neste sentido, as tecnologias da informação e da comunicação (TICs) passaram “a ter uma presença não meramente temática, mas, sim, articuladora, estratégica” (MARTÍN, BARBERO, 2006, p. 52).

Destarte, Rosenau (2000) explica que, embora governos ainda retenham sua soberania, sua autoridade vem se deslocando para coletividades subnacionais. Tal movimentação permite o desencadeamento da ideia de governança sem governo, isto é, a ausência de mecanismos regulatórios em determinada esfera de atividade que funcione efetivamente sem o endosso de uma autoridade formal – o governo.

Nesta concepção, enquanto o governo pressupõe atividades sustentadas por uma autoridade formal, a governança prevê atividades amparadas por objetivos comuns, provenientes ou não de responsabilidades legais e formalmente prescritas. Governos sem governança são aqueles “que sofrem divisões profundas e cuja ação política se encontra paralisada [...] (onde) há autoridades formais às quais faltam mecanismos regulatórios funcionando efetivamente” (ROSENAU, 2000, p. 16).

Governança sem governo é governança sem poder, e governo sem poder raramente funciona. Muitos dos problemas internacionais e domésticos urgentes resultam do poder insuficiente dos Estados para estabelecer a ordem, realizar a infra-estrutura, e prover serviços sociais mínimos. Atores privados podem assumir algum papel, mas não há substituto para o Estado (SLAUGHTER, 1997 *apud* GONÇALVES, 2005).

Assim, embora possam ocorrer benefícios decorrentes do deslocamento de autoridade para coletividades subnacionais ou da difusão de instituições sociais, há um “lado sombrio” que se traduz na soma de conflitos militares e consequente perda de vidas, resultante de relações de poder não limitadas geográfica ou temporalmente (ROSENAU, 2000; GIDDENS, 1991).

Este é um mundo criado a partir de uma nova dimensão pública de sociabilidade instituída pelo uso das mídias, constituídas “por espaços eletrônicos, sem territórios e

potencialmente desmaterializados, que se transformam em suportes de televivências, vivências à distância e não presenciais” (RUBIM, 2004, p. 203). Assim, a política mundial passa a ser “concebida de forma abrangente, envolvendo todas as regiões, países, relacionamentos internacionais” (ROSENAU, 2000, p. 26), pois as “fronteiras são completamente diferentes daquilo que eram nas sociedades pré-modernas” (GIDDENS, 1991, p. 24).

Enquanto Rosenau (2000) coloca o grau de conexão ou desconexão entre os atores do sistema internacional como uma de suas características centrais (ROSENAU, 2000), Giddens (1991) justifica o dinamismo da modernidade como resultado da possibilidade de separação entre tempo e espaço, do desencaixe dos sistemas sociais e da ordenação e reordenação reflexiva das relações sociais. Não obstante, estes desencaixes, ou destempos, como Orozco Gómez (2006) prefere chamar, é fonte das incertezas na vida cotidiana.

Um primeiro destempo reside em que a televisão (e talvez mais o computador, na medida em que generalize seu uso) hoje transforma o acontecer em presente efêmero, sobretudo através da programação de notícias. A instantaneidade das transmissões televisivas, ao mesmo tempo que transforma a informação em novidade, a esvazia de historicidade. O resultado é um fluxo constante, sem princípio nem fim, intermitente, que transmite um presente contínuo como oferta e que prossegue nas reiteradas visões das audiências. O que aconteceu ontem, sem adquirir história, pode voltar a ser visto hoje ou amanhã, sem que volte a acontecer, mas sempre em presente, não em passado, até que volte a encontrar um novo presente midiático (virtual) no real (OROZCO-GÓMEZ, 2006, 94).

Esta nova dimensão de vivências à distância permite, assim, a ocorrência de atividades desconectadas entre si, como há, por exemplo, uma subordem islâmica e outra ocidental dentro da ordem global que “funcionam lado a lado em uma relação difícil, distante, cheia de fricções, marcada muitas vezes por atividades desconexas, assim como por esforços coordenados de acomodação” (ROSENAU, 2000, p. 27).

Assim, embora existam regras de Direito Internacional que regem as práticas relativas à guerra, grupos terroristas, como é o caso do EI, utilizam o seu rompimento como estratégia de combate e de tentativas de acomodação neste ambiente desconexo. Neste sentido, rompem com normas que regem as condutas dos agentes na guerra -

princípio *jus ad bellum*. A título de exemplo, há as convenções internacionais³ que consolidaram o entendimento de que prisioneiros de guerra devem ser tratados com humanidade e que não é lícito mata-los, aplicar penas corporais, crueldade, ou encarceramento permanente (ACCIOLY *et al.*,2011; REZEK, 2005),

Dentre as tentativas de acomodação, está o terrorismo, caso do Estado Islâmico (EI), que encontra força na própria ideia de destempo, ou desencaixe, uma vez que faz suas demandas serem conhecidas tanto por meio da força, quanto por meio da internet. As mudanças sócio-político-culturais demandadas por esses grupos supõem, em tese, mudanças de sedimentações na produção simbólica requerem tempo. Para Orozco Gómez, estamos experimentando, então, diversos destempos “que supõem ajustes e processos de aprendizagem substantivos por parte dos atores sociais, e que quase sempre acabam inconclusos” (2006, p. 86).

Como a “governança é um sistema de ordenação que só funciona se for aceito pela maioria (ou pelo menos pelos atores mais poderosos do seu universo)” (ROSENAU, 2000, p. 16), grupos terroristas utilizam seu poder militar e midiático, desobedecendo a normas de Direito Internacional e expondo sua força. O objetivo é, assim, legitimar sua governança e estabelecer seu governo por meio de um califado. A aceitação da maioria ocorre, portanto, pelo uso da força e/ou do medo.

O Estado Islâmico e as TICs

As origens do Estado Islâmico no Iraque e na Síria (EI) remontam ao processo de iraquização da Al-Qaeda, que atuava originalmente no Afeganistão e ao expandir suas fronteiras iniciou uma luta pela expulsão das tropas de ocupação estadunidenses do Iraque em 2013. No mesmo ano, a liderança do EI rompe com a Al-Qaeda, muda seu nome para Estado Islâmico (EI), declara um califado e intensifica sua luta contra todos aqueles considerados inimigos, cristãos em especial (MORENO, 2014).

De acordo com Théron (2015), a estratégia adotada pelo EI diverge da Al-Qaeda nos seguintes pontos: I) Estabelecer o EI em território permanente; II) O EI evoluiu de uma abordagem desestabilizadora para a tentativa de estabelecer soberania sobre seu território – a Al-Qaeda visa uma administração direta; III) O EI avança em direção à

³ Convenções de Haia de 1899 e 1907, Convenções de Genebra sobre prisioneiros de guerra de 1929 e 1949 (ACCIOLY *et al.*, 2011).

locais de alto valor histórico e simbólico para destruir uma antiga ordem regional (ex.: Raqqa, Tikrit, Mossul, Palmira); IV) O EI promove avanços contínuos, envolvendo estratégias bélicas convencionais e terroristas e V) o EI é aberto a todos os muçulmanos ou convertidos ao islã, do contrário seu destino é a morte – a Al-Qaeda possui motivações antiocidentais.

É possível inferir que o terrorismo exercido pelo EI tem em seus fundamentos a ideia de governança sem governo. Isto é, há uma tentativa de estabelecer um governo por parte de uma organização que já promove algum tipo de governança, seja ela moralmente aceitável, ou não. Além disso, suas ações são potencializadas pelo advento de novas mídias e redes sociais digitais. Para Théron (2015), o EI reinventou a Al-Qaeda, pois globalização a partir de 2001, proporcionou mudanças ao jihadismo devido ao acesso à informação, à ideologia, às redes sociais digitais e, finalmente, ao combate físico.

Em 2015 os olhos do mundo se voltam para o EI devido ao ataque terrorista ao jornal Charlie Hebdo que resultou em doze mortes em Paris⁴. Apesar de o número ser considerado baixo em comparação às mais de três mil vítimas do Onze de Setembro⁵, os autores do atentado eram de nacionalidade francesa, o que criou um novo paradigma ao constatar que o inimigo pode ser autóctone.

As TICs e suas interfaces proporcionaram visibilidade ao atentado e à forma como o EI recruta seus soldados na própria Europa. Isso trouxe à tona questionamentos a respeito das fronteiras europeias, internas e externas, e temores quanto à crise dos refugiados sírios que continuavam desembarcando na Europa e às famílias muçulmanas já estabelecidas no país. Tais temores são resultado da midiáticação dos atentados terroristas e a forma como o EI se apresenta, uma espetacularização do terrorismo.

Midiáticação, Espetacularização e o Estado Islâmico

A utilização do termo espetáculo para analisar a sociedade remonta ao manifesto de Guy Debord intitulado “A sociedade do Espetáculo”⁶. Nesta acepção, Rubim explica a diferença entre a midiáticação e a espetacularização, pois enquanto a primeira é simplesmente a veiculação de um evento mídia que promete sua visibilidade, a segunda,

⁴ Este ataque promovido pelo EI foi uma resposta à publicação de uma charge ironizando o profeta Maomé.

⁵ Reuters (2001).

⁶ Debord (1997).

“forjada pela mídia ou não, nomeia o processamento, enquadramento e reconfiguração de um evento” (2004, p. 203).

A espetacularização “aciona, simultaneamente, uma multiplicidade de dimensões – emocionais, sensoriais, valorativas e também cognitivas – para fabricar e dar sentido ao espetacular” (idem, p. 199).

Mediatização e espetacularização, aqui entendidas como processos similares, amalgamados pela prevalência da mercadoria e do entretenimento, constituiriam uma poderosa, inevitável e indissociável lógica produtiva que, no limite, inviabilizaria o exercício de qualquer política não totalmente transtornada pelo espetáculo, nesse novo espaço, nessas novas linguagens, enfim, nessa nova dimensão pública da sociedade contemporânea (RUBIM, 2004, p.207).

Giroux (2007) afirma que os novos meios de comunicação de massa e as mídias de base imagética possibilitaram uma transformação estrutural em nosso cotidiano por meio da fusão entre sofisticadas tecnologias eletrônicas e uma “cultura de tela”. Para o autor, as representações audiovisuais transformaram não apenas o cenário de produção e recepção cultural, mas também a natureza da política, em especial os relacionamentos entre nacionalismo, violência espetacular e uma nova política global⁷.

Azevedo Junior (*et al*, 2016), explica que o ato de espetacularizar algo na mídia possui uma “estrutura narrativa mítica e preenche uma necessidade narratológica básica que faz parte da natureza humana: a necessidade de consumir narrativas e de polarizar personagens do bem e do mal” (AZEVEDO JUNIOR *et al*, 2016, p. 11). Logo, a “mídia ou, com mais precisão, a rede de mídias institui, a rigor, uma nova dimensão pública, própria da sociabilidade contemporânea” (RUBIM, 2004, p. 203).

As possibilidades abertas pelas TICs, segundo Giroux (2007), revolucionaram a relação entre público e evento, tornando-o acessível a uma audiência global. Neste sentido, para Silverstone (2011) as telas – do computador, televisão, ou mais recentemente dos smartphones – podem ser vistas como soleira para o mundo, isto é, meios que conectam as pessoas e transcendem o espaço físico.

⁷ Tradução nossa: “AUDIO-VISUAL REPRESENTATIONS have transformed not only the landscape of cultural production and reception, but the very nature of politics itself, particularly the relationships among nationalism, spectacular violence, and a new global politics” (GIROUX, 2007, p. 17).

Com o distanciamento tempo-espço, nossa atenção é dirigida “às complexas relações entre envolvimento locais [...] e [possibilita a] interação através da distância” (GIDDENS, 1991, P. 77). A mídia é, então, uma dimensão “constituída por espaços eletrônicos, sem territórios e potencialmente desmaterializados, que se transformam em suportes de televivências, vivências à distância e não presenciais, planetárias e em tempo real” (RUBIM, 2004, p. 203).

A apropriação do discurso midiático pela Al-Qaeda e pelo EI ocorreu de maneiras distintas. Na guerra ao terror empreendida por Bush filho, a Al-Qaeda necessitou adotar meios de comunicação mais básicos, pois a capacidade de interceptação dos países ocidentais fez com que o grupo voltasse ao uso de homens-mensageiros e reduzisse ao máximo o uso de telefones via satélites, de e-mails codificados e de websites (CHALIAND; BLIN, 2007). A alternativa encontrada foi utilizar a rede de televisão árabe Al Jazeera como difusora de conteúdos e transmissora de ameaças para a mídia ocidental. Segundo Théron (2015), a Al-Qaeda divulgava em conta-gotas vídeos com péssima qualidade de seus dirigentes em cavernas.

Procópio (2001) categoriza o ataque realizado pela Al-Qaeda no Onze de Setembro como o “cavalo de Tróia do terror exibido bem no coração dos Estados Unidos”. A espetacularização, neste caso, ocorreu por meio de elementos como dramaticidade, simbologia, anonimato dos autores e o sensacionalismo da mídia ao explorar imagens da destruição. O “presente de grego” foi potencializado e acabou por espalhar medo e pânico em escala mundial como nunca antes. Chailand e Blind (2007) explicam que naquele momento a mídia ocidental começou a monitorar a Al Jazeera em tempo real e isso resultou em uma importância desproporcional das ameaças terroristas aos olhos do público⁸.

Já a relação do EI com a Al Jazeera ocorre de forma diferente. Jamie Doran, repórter da rede afirmou que ele “já havia colocado minha vida à disposição da Al-Qaeda na tentativa de conseguir uma entrevista com Osama Bin Laden, mas o EI é um caso

⁸ Tradução nossa: “The Western media monitored the channel, watching for news flashes and retransmitting, in real time, every minor Islamist threat. As a result, such threats took on disproportionate importance in the eyes of the public” (CHAILAND; BLIN, 2007, p. 333).

totalmente diferente. Com eles, acordos significam pouco e a morte pode se tornar um capricho” (DORAN, 2015)⁹.

A relação do EI com os meios de comunicação se fundamenta numa comunicação extensiva visando a maior audiência possível (THÉRON, 2015). Para isso, situações de combate são trabalhadas na forma de propaganda, e amplamente difundidas pela imprensa e pelas redes sociais digitais. O grupo utiliza contas como Twitter, Youtube e Facebook¹⁰ para divulgar ameaças e para recrutar novos soldados por meio de vídeos produzidos profissionalmente, além de ter desenvolvido seu próprio aplicativo (*app*) para smartphones, após ser excluído do Telegram e do WhatsApp (SOCKAR, 2016; SANDEMAN, 2015).

A Al-Qaeda utiliza as TICs como forma de profusão de conteúdo, geralmente filmado em plano único e de maneira amadora, como as entrevistas de Bin Laden e a execução do jornalista Daniel Pearl em 2002. Já o EI conta com a produção de vídeos em que é possível verificar o cuidado com seu planejamento. Distante do amadorismo, o EI demarca um novo patamar midiático do terror cujas produções são cinematográficas e buscam exaltar características do grupo terrorista apresentando ao público suas ameaças e execuções.

Com a incorporação desta gramática midiática aos ataques terroristas do EI, o espaço virtual torna-se um ambiente de disputas, ou seja, é o que Giroux (2007) classifica como o espetáculo do terrorismo. Não há apenas o embate físico, mas uma nova forma de conflito por meio da construção de um discurso midiático e espetacular na tentativa de aterrorizar o ocidente, em especial cristãos, como é o caso do vídeo intitulado “Uma mensagem assinada com sangue para a nação da cruz”.

Neste sentido, Trottier e Fuchs (2014) explicam que as mídias sociais não são a causa exclusiva deste fenômeno, e sim espaços de complexas manifestações de poder, contrapoder e contradições de poder que tendem a interagir dialeticamente com processos políticos físicos e desconectados. Ou seja, a espetacularização do terrorismo é a dilatação dos efeitos físicos dos atentados. Para Giroux (2007), discursos de terror e medo

⁹Tradução nossa: “*I have previously put my life in the hands of al-Qaeda when attempting an interview with Osama bin Laden, but ISIL is an entirely different case. With them, agreements mean little and death can arrive on a whim*” (DORAN, 2015).

¹⁰ Cabe ressaltar que a criação do Facebook ocorreu em 2004, do YouTube em 2005 e do Twitter em 2006, ou seja, após os atentados do Onze de Setembro.

são oriundos de choques de realidade provocados pela convergência entre atos de terrorismo e espetáculo.

Surge, assim, uma nova forma de guerra contra o terrorismo oriunda da espetacularização. Uma das respostas do ocidente aos atentados do EI ocorre virtualmente por meio do fechamento das principais contas do grupo em redes sociais digitais, que serviriam para a propagação de ideais, articulação entre células terroristas e alistamento de novos soldados¹¹. O ambiente virtual, especialmente por meio da Web 3.0¹² torna-se, então, um novo espaço para conflitos ideológicos e de poder, uma arena virtual.

A fim de trazer à luz o profissionalismo empregado pelo EI no desenvolvimento de vídeos cinematográficos, a utilização de recursos midiáticos e na construção de uma linguagem espetacular do terrorismo, optamos por analisar o vídeo “Uma Mensagem Assinada com o Sangue para a Nação da Cruz”, conforme apresenta a seção seguinte.

“Uma Mensagem Assinada com Sangue para a Nação da Cruz”

A espetacularização do terrorismo pode ser verificada no vídeo “Uma Mensagem Assinada com Sangue para a Nação da Cruz”¹³, cujos produtores utilizam técnicas cinematográficas, inferências gráficas e equipamentos de alta definição (HD) para gravar a decapitação de vinte e um coptas¹⁴. Estes elementos visuais e auditivos, de acordo com Rodrigues (2012), servem para criar uma imagem televisiva apresentada a partir de valores corporativos. No caso em tela, a produção parece ter sido minuciosamente planejada como forma de ameaça aos opositores do Estado Islâmico.

O título de abertura é formado por uma sequência de elementos gráficos em transição, o logo do EI se forma a partir de uma gota (figuras 1 e 2). A tomada seguinte apresenta uma praia no Mediterrâneo onde caminham os coptas, vestidos em roupas de prisioneiros cor laranja, acompanhados por seus algozes, trajados em preto (figuras 3 e 4). A presença e ausência da cena externa se alterna e, para criar um suspense crescente há uma trilha sonora que culmina num som de um tiro. Neste momento, surge o título do vídeo como inferência gráfica em inglês, localizada no centro da tela e legendada em árabe

¹¹ Cf. Mundo (2016) e Yadron (2016).

¹² Cf. Küster; Hernández (2013)

¹³ Original em inglês: “*A message signed with blood to the nation of the cross*”.

¹⁴ Originalmente, os coptas eram apenas egípcios cujos ancestrais se converteram ao cristianismo ainda no século I. Maiores detalhes sobre o termo em Figueiredo (2010).

(figura 5). A partir deste momento é possível inferir que o vídeo é direcionado especialmente para países anglófonos.

FIGURA 1 - FORMAÇÃO GOTA/EI



FONTE: Printscreen de SHOEBAT (2015).

FIGURA 2 - GOTA/EI



FONTE: Printscreen de SHOEBAT (2015).

FIGURA 3 -PRAIA, COPTAS E ALGOZES



FONTE: Printscreen de SHOEBAT (2015).

FIGURA 4 - APENAS PRAIA



FONTE: Printscreen de SHOEBAT (2015).

No que tange às técnicas e equipamentos utilizados, há uma sequência de cortes em *fade out* e *fade in*¹⁵ fazendo com que desapareçam a praia e o título do vídeo, antes em destaque (figuras 5 e 6). Após esta sequência, o *take* externo da praia surge novamente, desta vez com prisioneiros e algozes caminhando em diagonal. A imagem é aérea, gravada numa grua, com oráculos¹⁶ que revelam a localização exata das execuções. Uma hipótese para isso é a tentativa de demonstrar a governança exercida pelo EI naquela região (figura 7).

¹⁵ *Fade* é uma técnica utilizada na produção de vídeos para a passagem de planos de forma gradual (corte). Para que isto ocorra, é utilizada uma imagem intermediária neutra, no caso uma tela preta. Enquanto *fade in* trata do aparecimento gradual de uma nova imagem, *fade out* é o desaparecimento gradual.

¹⁶ “Qualquer tipo de informação escrita ou gráfica exibida no ecrã pelo canal” (RODRIGUES, 2012, p. 75).

FIGURA 5 – LETREIRO COM PRAIA AO FUNDO

FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

FIGURA 6 – LETREIRO EM FUNDO NEUTRO

FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

A partir deste momento, surge a logo do EI como mosca¹⁷ no canto superior direito da tela, local geralmente utilizado por emissoras de televisão para identifica-la continuamente de modo que o espectador consiga perceber rapidamente o canal que está assistindo (SENS, 2011 *apud* RODRIGUES, 2012). A grua também é utilizada em efeito ascendente (figura 8) e, provavelmente, para a tomada em *travelling* (figuras 9 e 10). Quanto aos cortes utilizados, verifica-se a sobreposição de quadros (figura 11).

FIGURA 7 – UTILIZAÇÃO DE GRUA

FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

FIGURA 8 –GRUA EM ASCENDENTE

FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

FIGURA 9 – TRAVELLING 1

FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

FIGURA 10 – TRAVELLING 2

FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

A sincronia com que todos os presentes em cena atuam é percebida em diferentes momentos. Os algozes, em posse do seu refém, caminham lentamente e dentro de uma distância padrão até chegar a um ponto previamente determinado onde todos param, as

¹⁷ “A ‘mosca’ é uma designação dada à inserção do logótipo do canal num dos cantos superiores do ecrã” (idem).

vítimas se ajoelham e em seguida deitam para sua subsequente decapitação, tudo simultaneamente e com extrema precisão (figuras 7, 12, 13 e 14).

FIGURA 11 – QUADROS SOBREPOSTOS



FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

FIGURA 12 – PARADA SIMULTÂNEA



FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

FIGURA 13 – AJOELHAMENTO SIMULTÂNEO



FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

FIGURA 14 – VÍTIMAS DEITAM SIMULTÂNEAMENTE



FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

FIGURA 15 – ALGOZ AMEAÇA EM INGLÊS



FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

FIGURA 16 – MAR DE SANGUE



FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

O interlocutor do vídeo é o único vestido com um uniforme de estampa camuflada (figura 15) e profere ameaças em inglês britânico, simultaneamente legendadas em árabe. Ele se dirige à câmera e, por vezes, aponta a faca que será utilizada para o assassinato do seu refém, como se falasse diretamente àqueles que o assistem. Após as decapitações¹⁸, a imagem do interlocutor desaparece em *fade out* e o sangue tingindo a

¹⁸ Optou-se por não incluir estas imagens devido à sua composição. Estas imagens são compostas por flashes das ações, imagens do sangue correndo, grunhidos e gritos das vítimas e, finalmente, dos corpos e cabeças separados no chão da praia. As imagens podem ser encontradas em Shoebat (2015).

água do mar aparece em *fade in*. Há uma crescente valorização desta tomada que dura 23 segundos (figura 16) até o término do material.

Considerações Finais

A ideia de governança sem governo permite a compreensão de um cenário em que grupos terroristas como a Al-Qaeda e o Estado Islâmico (EI) se fortalecem por meio da utilização de tecnologias da comunicação. Problemas ocasionados por relações de poder e por um governo sem governança na região do Iraque e Síria proporcionam as condições ideais para o fortalecimento da governança do EI, não apenas na esfera física, mas também na virtual. Em um contexto marcado por fricções entre diferentes ordens e subordens do sistema internacional, é possível verificar que, o uso de diferentes mídias, redes sociais digitais e técnicas cinematográficas se tornam não apenas uma forma de potencializar ações através do medo, mas as torna um espetáculo.

O distanciamento entre tempo e espaço que incorre do desenvolvimento de tecnologias da comunicação e da informação possibilitaram interações entre locais geograficamente distantes e proporcionaram um novo paradigma para o uso de tecnologias da comunicação. A mídia, como espaço eletrônico e sem território, passa então a ser utilizada como um espaço para confrontos ideológicos e de poder, denominado arena virtual. É ali que grupos terroristas convocam seguidores e soldados, inflamam paixões e organizam suas empreitadas e também onde governos tentam minimizar esta atuação.

A análise do vídeo “Uma mensagem assinada com sangue para a nação da cruz” permite inferir que a aplicação de determinadas técnicas e da língua inglesa são estrategicamente escolhidas pelo EI a fim de conectar diferentes realidades, no caso o ocidente e o califado. O uso consciente e planejado da linguagem audiovisual caracteriza elementos simbólicos na luta pelo poder e aproxima atividades que a priori estariam geograficamente desconexas. Assim, a produção audiovisual do EI contém elementos próprios que caracterizam a espetacularização de um evento, neste caso o terrorismo.

Referências Bibliográficas

ACCIOLY, Hildebrando; NASCIMENTO E SILVA, G. E.; CASELLA, Paulo Borba. **Manual de direito internacional público**. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

AZEVEDO JUNIOR, Aryovaldo de Castro; CAMARGO, Hertz Wendel de; MOTTA, Suelen Homrich. **Espetacularização e Lideranças Partidárias: Bolsonaro no PSC**. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Publicidade e Propaganda, 7, 2016. Anais... Rio de Janeiro : Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio.

CASTELLS, Manuel. **Comunicación, poder y contrapoder en la sociedad red. Los medios y la política**. Telos, Catalunya, n. 74, 2008.

CHALIAND, Gérard; BLIN, Arnaud. **The history of terrorism: from antiquity to al Qaeda**. Berkley, Los Angeles, Londres: University of California Press, 2007

COLOMBO, Letícia dos Santos. **A Divergência Prática e Teórica do Terrorismo: como isso afeta a resolução do problema**. In: Encontro de Pesquisa em Relações Internacionais, 2016. Anais... Marília : Unesp, 2016.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DORAN, Jamie. **Making ISIL and the Taliban**. Al Jazeera, Doha, 01 nov, 2015. Disponível em:

<<http://www.aljazeera.com/programmes/specialseries/2015/11/islamic-state-isil-taliban-afghanistan-151101074041755.html>>. Acesso em: 03 maio 2016.

FIGUEIREDO, Angela Cristina Sarvat de. **O cristianismo copta: uma face particular do multiculturalismo cristão**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELIGIÃO MITO E MAGIA NO MUNDO ANTIGO, 1. FÓRUM DE DEBATES EM HISTÓRIA ANTIGA, 9., 2010, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UERJ - Núcleo de Estudos Da Antiguidade, 2010. p. 15-25.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIROUX, Henry A. **Beyond the Spectacle of Terrorism: Rethinking Politics in the Society of the Image**. Situations: Project of the Radical Imagination, Nova Iorque, v. 2, n. 1, 2007.

GONÇALVES, Alcindo. **O conceito de governança**. In: Congresso Nacional do Conpedi – Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito, 14., Fortaleza. Anais.... CONPEDI: 2005

HOBBSBAWM, Eric J. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KÜSTER, Inés; HERNÁNDEZ, Asunción. **De la Web 2.0 a la Web 3.0: antecedentes y consecuencias de la actitud e intención de uso de las redes sociales en la web semántica.** *Universia Business Review*, Madri, n. 37, p. 104-119, 2013.

MAGNOLI, Demétrio; BARBOSA, Elaine Senise. **O leviatã desafiado: [1946-2001]**, v. 2. Rio de Janeiro: Record, 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século.** *In: MORAES, Dênis de (org.). Sociedade midiatizada.* Mauad, 2006.

MORENO, Alberto Priego. **El Estado Islámico.** ¿Segunda parte de Al Qaeda o algo nuevo?. *Razón y Fe*, Madri, 1393, p. 491-504, nov. 2014.

MUNDO. **Estado Islâmico ameaça fundadores do Facebook e do Twitter em vídeo.** Folha de S. Paulo, São Paulo, 5 mar. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/03/1746916-estado-islamico-ameaca-fundadores-do-facebook-e-do-twitter-em-video.shtml>>. Acesso em: 08 maio 2016.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos.** *In: MORAES, Dênis de (org.). Sociedade midiatizada.* Mauad, 2006.

PROCOPIO, Argemiro. **Terrorismo e relações internacionais.** *Rev. bras. polít. int.*, Brasília, v. 44, n. 2, p. 62-81, dez. 2001.

REUTERS. **Número de mortos nos ataques de 11 de setembro é de 3.278.** Folha de S. Paulo, Nova Iorque, 11 dez. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u9396.shtml>>. Acesso em: 08 maio 2016.

REZEK, Francisco. **Direito Internacional Público.** São Paulo: Saraiva, 2005.

RODRIGUES, Sandra Manuela Sousa. **O grafismo animado sistema de identidade no de um canal TV - o caso de estudo MTV Portugal.** 195 f. Dissertação (Mestrado em Design da Comunicação) – Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2012.

ROSENAU, James N. **Governança, ordem e transformação na política mundial.** *In: ROSENAU, James N.; CZEMPIEL, Ernst-Otto. Governança sem governo: ordem e transformação na política mundial.* Brasília: Editora da UNB, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

RUBIM, Antonio. **Espetacularização e mediatização da política.** *In: RUBIM, Antônio. Comunicação e Política, conceitos e abordagens.* Salvador: Editora UFBA, 2004. p. 451-482.

SANDEMAN, George. **ISIS release smartphone app which streams beheadings and speeches from terror leaders.** The Sun. 10 set. 2016. Disponível em: <<https://www.thesun.co.uk/archives/golf/303115/7-1m-for-rory-would-be-nice/>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

SCHOEBAT, Walid. **Watch the video: ISIS savages beheading twenty one coptic christians** (“and i saw the martyrs who were beheaded in the name of Jesus” is being fulfilled). Shoebat.com. 2015. Disponível em: <<http://shoebat.com/2015/02/15/watch-video-isis-savages-beheading-twenty-one-coptic-christians-saw-martyrs-beheaded-name-jesus-fulfilled/>>. Acesso em: 07 mai. 2016.

SEIXAS, Eunice Castro. **"Terrorismos": uma exploração conceitual.** Rev. Sociol. Polit., Curitiba , v. 16, supl. p. 9-26, ago. 2008.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

SOCKAR, Sarah. **ISIS Has Its Own Messaging App Called ‘Alrawi’.** Scoopempire. 21 jan. 2016. Disponível em: <<http://scoopempire.com/isis-has-its-own-messaging-app-called-alrawi/>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

SROUR, Robert Henry. **Classes, Regimes, Ideologias.** São Paulo : Editora Ática, 1984.

THÉRON, Julien. **Funeste rivalité entre Al-Qaida et l’Organisation de l’Etat islamique.** Le Monde Diplomatique, Paris, fevereiro 2015, p. 18-19. Disponível em: <<http://www.monde-diplomatique.fr/2015/02/THERON/52632>>. Acesso em: 08 maio 2016.

TROTTIER, Daniel; FUCHS, Christian. **Theorising Social Media, Politics and the State: An Introduction.** In: TROTTIER, Daniel; FUCHS, Christian. Social media, politics and the state: Protests, revolutions, riots, crime and policing in the age of Facebook, Twitter and YouTube. Nova Iorque: Routledge, 2014.

YADRON, Danny. **Twitter deletes 125,000 Isis accounts and expands anti-terror teams.** The Guardian, São Francisco, 5 fev. 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/technology/2016/feb/05/twitter-deletes-isis-accounts-terrorism-online>>. Acesso em: 08 maio 2016.